

As Vozes do Duplo: Uma Análise do Gênero Fantástico no Cordel “Não Custa Nada Ser Bom”

Hadoock Ezequiel Araújo de Medeiros*
Andréia Maria da Silva Lopes**

Resumo: No universo da literatura é comum encontrarmos narrativas e poemas permeados por elementos sobrenaturais. Esses elementos, geralmente nos causam algumas sensações, como o medo e a dúvida. Adentrando no universo popular, percebemos nas tradições advindas da oralidade, que o sobrenatural também é recorrente. O cordel contempla várias temáticas, entre elas, o profano, trazendo aspectos sobrenaturais como fantasmas, Satanás e outros espectros. Analisando o cordel pelo viés do fantástico, abordado por Todorov (1975), essas aparições poderiam ser compreendidas como o *duplo*. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva fazer uma apresentação do gênero fantástico, uma contextualização da literatura de cordel e em seguida analisaremos o cordel “Não custa nada ser bom”, do poeta Antonio Francisco, focalizando a presença do *duplo*. Nossa base teórica se respalda em: Ceserani (2006), Freud (2010), Furtado (1980), Rodrigues (1988) e Todorov (1975), no que diz respeito ao fantástico. Quando falamos do cordel, nos amparamos nos estudos de Abreu (1993), Pinheiro & Marinho (2012) e Sobrinho (2003).

Palavras-chave: gênero fantástico, duplo, literatura de cordel, Antonio Francisco

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da UFCG, sendo bolsista CAPES/REUNI do programa. Email: hadoockezequiel@yahoo.com.br

** Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da UFCG. Email: andreia.llopes@hotmail.com

Abstract: In the world of literature is common to find stories and poems that are permeated with supernatural elements. These elements, usually cause us some sensations, like fear and doubt. Entering in the popular universe, we see arising in the oral traditions that the supernatural is also recurrent. The *cordel* includes several themes, among them, the profane, brings the supernatural aspects as ghosts, werewolves, Satan and other specter. Looking the line bias fantastic, approached by Todorov (1975), these appearances could be understood as a double. This form, the present work aims to make a presentation of the fantastic genre, a contextualization of *cordel* literature and then analyze the *cordel* "Não custa nada ser bom", by poet Antonio Francisco, focusing on the presence of the double. Our theoretical base supports are in: Ceserani (2006), Freud (2010), Furtado (1980), Rodrigues (1988) and Todorov (1975), with regard to fantastic. When we speak about the *cordel*, we refer to the reflections proposed by Abreu (1993), Pinheiro & Marinho (2012) and Sobrinho (2003).

Keywords: gender fantastic, double, *cordel* literature, Antonio Francisco

Introdução

Terror, medo e fabulação são algumas características encontradas nos contos permeados pelo sobrenatural. Em muitos casos, nos trazem medo, mas também, nos deixam em dúvida quanto à veracidade dos fatos. Esses fenômenos presentes neste gênero têm sido palco de vários estudos de críticos literários. Neste universo de pesquisas e conceitos sobre as narrativas de cunho fantástico, quem primeiro definiu-as foi o crítico Tzvetan Todorov (1975). De forma sistemática, o autor, um dos primeiros a sistematizar esse gênero, classifica-os em *Maravilhoso*, *Estranho* e *Fantástico*.

Em cada uma das três narrativas definidas por Todorov (1975), o sobrenatural se apresenta de uma forma específica. No *Estranho*, ele irá se apresentar como algo do cotidiano, causando um estranhamento, mas que é explicado racionalmente no final; no *Maravilhoso*,

esse fenômeno não causará nenhuma reação, pois os personagens e o leitor aceitam os fatos naturalmente. Já no *Fantástico*, os elementos sobrenaturais irão provocar uma sensação de ambiguidade, causando uma hesitação. Para isso, é necessária uma narrativa tecida por elementos contraditórios.

As narrativas sobrenaturais sempre chamaram a atenção dos leitores e críticos. Desde o século XIX, teóricos tentam denominá-las, a exemplo do psiquiatra Sigmund Freud, que tentou explicar o sobrenatural por meio da análise do conto *O Homem de Areia*, do escritor alemão Hoffmann, escrito em 1817. Embora Freud não fosse crítico literário, contribuiu com sua teoria para futuros pesquisadores.

Ao analisar o conto, o psiquiatra centralizou seu estudo, principalmente nas ações da personagem principal, destacando o seu comportamento psicológico. Mas também, sublinhou os elementos sobrenaturais pertencentes à narrativa. Diante desses acontecimentos, Freud denominou a palavra “unheimlich”, uma palavra alemã que segundo ele, pode ser interpretada como *Estranho*. Para o autor, esta palavra remete ao sentido de inquietação, desorientação e angústia e “relaciona-se indubitavelmente com o que é assustador – com o que provoca medo e horror.” (FREUD 2010, p.237).

Conforme Ceserani, “outros críticos insistiram na importância dos temas tratados neste conto e chamaram a atenção para o fato de que quase todos os temas principais que seriam característicos da narrativa fantástica estão já ao menos esboçados em ‘O homem de areia’ (CESERANI, 2006 p.26)”. Porém, em um texto propriamente fantástico, teremos alguns elementos específicos que contribuem para uma ambiguidade entre o real e o imaginário. Para Todorov (2004), “a hesitação do leitor é, pois a primeira condição do fantástico. Mas será necessário que o leitor se identifique com sua personagem particular [...]” (TODOROV, 1975, p 37). Ainda de acordo com Todorov, o leitor recusará as interpretações, tanto alegóricas quanto poéticas.

Partindo destas observações, neste trabalho nos deteremos a fazer uma apresentação do gênero fantástico e do Cordel. Por conseguinte, analisaremos o folheto “Não custa nada ser bom”, do poeta Antonio Francisco, focalizando a presença do *duplo*. Nossa base teórica se respalda em: Ceserani (2006), Freud (2010), Furtado (1980), Rodrigues (1988) e Todorov (1975), no que diz respeito ao fantástico. Sobre o cordel, lançamos mão dos estudos de Abreu (1993), Pinheiro & Marinho (2012) e Sobrinho (2003).

A narrativa fantástica e a presença do duplo

Com a desmistificação e a descentralização teológica no século XVIII, as narrativas fantásticas passam a ser permeadas por outros elementos de natureza humana. Para Rodrigues, “a partir do grande movimento de racionalização pode-se dizer que se procurou absorver os antigos terrores e dar uma explicação leiga para a história da humanidade” (RODRIGUES, 1988, p.27). Assim sendo, esta nova estrutura narrativa dos contos fantásticos, buscou através desses elementos e temáticas representar as atitudes do homem, da sociedade e da família.

Nesse contexto, essas narrativas tentaram representar a realidade por meio das ciências descobertas no século XVIII. Segundo Ceserani (2006), os elementos fantásticos estavam ligados às máquinas e experimentações teatrais, reproduzindo os movimentos humanos, como as marionetes e quadros vivos, problematizando, portanto, as personalidades da consciência, do *duplo*. Os elementos referidos por Ceserani trazem um conflito entre o mundo real e o imaginário, uma vez que no deparamos com a loucura, o sonho e as incertezas e, por consequência, com os distúrbios da mente apresentados na multiplicação do ser.

Para Furtado (1980, p.36), os elementos contraditórios “podem ser da mais diversa índole como: <<real>>/imaginário; racional/

irracional; verossímil/inverossímil; transparência/ocultação; espontaneidade/sujeição à regra; valores positivos/valores negativos, etc.”. A dúvida gerada por estes opostos eleva o caráter ambíguo das narrativas. Além de estes elementos contribuírem para a composição do medo na narrativa, já que este pode ser provocado pela própria mente do indivíduo.

Nos textos contemporâneos, o medo está acompanhado em muitos casos pelo *duplo*, caracterizado por aquilo que nos parece idêntico. No entanto, são elementos parecidos fisicamente e diferentes psicologicamente. A exemplo do conto *O homem de areia*, analisado por Freud (2010), ele destaca o *duplo* como sendo um processo mental que salta de um personagem para outro, ocasionando um processo de repetição dos mesmos gestos.

Muitas vezes, este aspecto tem suas relações com objetos ou seres que circulam o cotidiano, como espelhos e retratos. Para Ceserani (2006), o *duplo* se desdobra em personalidades, se apresentando, por exemplo, na forma de espelhos, retratos, gêmeos, sócias e sombras, gerando uma complexidade maior, pois envolve sintomas emotivos dos personagens. Corroborando com Ceserani, Rodrigues conceitua as variações do *duplo*:

Variam as formas de representação do duplo: temos personagens que, além de semelhantes fisicamente (ou iguais), têm sua relação acentuada por processos mentais que saltam de um para outro (telepatia), de modo que um possui conhecimento, sentimentos e experiências em comum com o outro. [...] Ou o sujeito identifica-se em tal modo com outra pessoa que fica em dúvida sobre quem é o seu eu. [...] Ou ainda, um mesmo eu desdobra-se em pessoas distintas ou opostas (RODRIGUES, 1988, p.44).

Se tomarmos como exemplo o romance *The Picture of Dorian Gray*, de Oscar Wilde, temos a terceira variação trazida por Rodrigues. O

quadro do personagem Dorian ganha vida própria, transformando-se em outro eu, mas ficam intimamente relacionados, sendo opostos fisicamente, mas parecidos psicologicamente.

Neste trabalho, analisaremos a dualidade psicológica encontrada no Cordel “Não custa nada ser bom”, ressaltando o *duplo* por meio da imagem e o diálogo com o espelho. A representação do personagem refletida no espelho, além de ser idêntico ao indivíduo que nele se projeta, também serve como portal para o diálogo, pois este sujeito irá conversar sobre seus sentimentos psicológicos, como culpa, alegria e ódio. Para Rodrigues (1988, p.8) “todos nós temos a experiência de olhar-nos num espelho, e sabemos que, de acordo com o senso comum e com as leis da ação física, o espelho reflete a imagem daquilo que se coloca diante dele”.

O cordel e seus ciclos temáticos

O termo “literatura de cordel”, de acordo com estudiosos, foi empregado para definir os versos vendidos nas feiras na forma de folhetos. Essa denominação, portanto, foi feita em comparação com os folhetos vendidos em Portugal, no século XVII. Contudo, ressaltamos que no Brasil, eles ganharam características próprias, com cenários, personagens e costumes do Nordeste. De acordo com Abreu (1999), deve-se compreender o cordel português e o folheto nordestino como sendo independentes, mas que no início do século XX se encontram em alguns aspectos.

Os folhetos portugueses variavam de tamanho, forma e gêneros. Para Abreu (1999, p. 21), eles abarcavam temas como “[...] autos, pequenas novelas, farsas, contos fantásticos, moralizantes, histórias, peças teatrais, hagiografia, sátira, notícias... além de poder ser escrita em versos ou sob a forma de peça teatral”. No Nordeste brasileiro, estes folhetos ganharam forma e estilo próprio. Os textos passaram

a ser narrativas poéticas, com rima, métrica e sonoridade. Para Pinheiro & Marinho (2012, p. 17), “no Brasil cordel é sinônimo de poesia popular em versos. [Com] [...] histórias de batalhas, amores, sofrimentos, crimes, fatos políticos e sociais do país e do mundo, as famosas disputas entre cantadores [...]”.

O folheto de cordel nordestino tem suas origens na tradição oral, tendo como primórdio, as cantorias de repente que circulavam e ainda circulam no Nordeste. Antes, estas cantorias eram acompanhadas por pandeiros e rabecas e eram tocadas nas fazendas e sítios por duplas de cantadores populares. Em suas apresentações, os poetas faziam disputas em forma de pelejas, como por exemplo, a *Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho*, de Firmino Teixeira do Amaral. Os temas mais recorrentes eram o cotidiano do sertanejo com suas bravuras da caatinga em busca dos bois mandingueiros, como também temas ligados a religião.

A partir dessas cantorias, os poetas populares sentiram a necessidade de registrar essas disputas poéticas em forma de folhetos. De acordo com Abreu, “não se sabe quem foi o primeiro autor a dar forma impressa a seus poemas, mas seguramente, Leandro Gomes de Barros foi o responsável pelo início da publicação sistemática de folhetos” (ABREU, 1993, p.165).

O Cordel se apresenta em sextilhas, sete linhas, oitavas e décimas, sendo mais comuns as sextilhas. Sua métrica pode ser dividida em seis, sete, oito, nove, dez e onze sílabas poéticas, sendo o verso em sete sílabas o mais usado. Quanto ao nome, dependendo do tamanho, os cordéis podem ser denominados de folhetos, romances e histórias.

O cordel aborda vários assuntos, sendo classificados de acordo com os ciclos temáticos. Para Sobrinho (2003, p.109), as temáticas são as seguintes:

Peleja, Debate, Discussão e Encontro	Castigos e Exemplos
Marcos e Vantagens	Política, Sociedade e Ciência
Histórias de inspiração não popular	Reportagens
	Heroísmo
Fabulação	Proezas
Gracejos e Espertezas	Miscelânea
Religião e Beatismo	Profanação
Profecias	Conselhos
Avisos	Escândalo e Corrupção

Para nosso estudo, destacamos a temática do Profano, permeada por elementos que são contrários aos dogmas do Cristianismo, como a figura do satanás ou espectros. Um dos exemplos trazido por Sobrinho (2003) é o folheto *A questão do satanás com o padre de Juazeiro*, de José Adão Filho.

Dentre os ciclos temáticos do cordel, podemos observar nas histórias, elementos recorrentes das narrativas do *Estranho, Maravilhoso e do Fantástico* destacadas por Todorov (1975). Seguindo essa sistematização, no cordel, desde do inícios de sua produção até os mais recentes, é comum encontrarmos folhetos que podem ser analisados nestas três categorias. Como ilustração, podemos citar os folhetos: *O Romance do Pavão misterioso*, de José Camelo de Melo e *A moça que dançou depois de morta*, de J. Borges.

No *Romance do Pavão Misterioso*, temos a história de um rapaz filho de um turco, que rapta uma moça filha de um conde grego. Para tanto, ele compra uma aeroplano em formato de um pavão. “Que se arma e se desarma/comprimindo num botão/ carrega 12 arroubas/3 léguas acima do chão”. Com isso, o personagem consegue voar até o

quarto da moça sem ser percebido pelo o pai dela. Depois de tantos encontros, o casal foge a bordo no Pavão Misterioso.

Já no cordel *A moça que dançou depois de morta*, temos a história de um rapaz fazendeiro. Em uma noite de carnaval, ele resolve ir a um baile, em que dança toda a noite com uma bela moça. Ao terminar a festa, o rapaz a leva até sua casa e deixa com ela alguns objetos como isqueiro, capa de frio e um rádio. Em seguida, anota o número 13, correspondente ao numero da casa dela. De madrugada, enquanto o rapaz dorme, sonha com a moça transformando-se em uma caveira horrorosa, dando-lhe vários apertos pelo corpo. No dia seguinte, ele sai procurando a casa da moça para fazer-lhe uma visita. Porém, ao chegar encontra apenas sua mãe chorando, dizendo que sua filha morreu já faz alguns anos. Eles resolvem ir até o cemitério e encontram os objetos deixados com a moça em cima da catacumba.

Observando o enredo desses dois cordéis sob o viés do gênero fantástico, podemos caracterizá-los da seguinte maneira: No *Pavão Misterioso*, temos a recorrência de um elemento sobrenatural, podendo ser explicado por meio da ciência. Neste caso, pode-se caracterizar como sendo o *maravilhoso científico*, trazido por Todorov, “aqui, o sobrenatural é explicado de uma maneira racional, mas a partir de leis que a ciência contemporânea não conhece” (TODOROV, 1975, p.63). No cordel *A moça que dançou depois de morta*, temos características do gênero fantástico, pois não sabemos se o que aconteceu foi fruto da imaginação do rapaz ou se realmente ele teve um encontro com o sobrenatural. Dessa forma, tanto o personagem como o leitor ficam envolvidos pela hesitação.

“Não custa nada ser bom”: uma análise do duplo

Como vimos anteriormente, o sobrenatural é um elemento que sempre esteve presente nas histórias de cordéis, na atualidade, po-

demos notar esse fenômeno em produções de vários autores, como por exemplo, em alguns cordéis do poeta Antonio Francisco, que traz em suas histórias características do maravilhoso e do fantástico.

O poeta cordelista Antonio Francisco é natural do Rio Grande do Norte, da cidade de Mossoró. Sua obra é composta por outras produções de folhetos de cordéis, que juntos resultam nos livros: *Dez cordéis num cordel só* (2001), *Por motivos de Versos* (2005), *Veredas de Sombras* (2007), *Sete contos de Maria* (2009), Além de dois CDs: *Os animais têm razão* e *Entre cordas e cordéis*, nos quais contêm poesias recitadas e musicadas. O cordel “Não custa nada ser bom”, selecionado para nossa análise, está no livro *O olho torto do Rei*, publicado na coleção completa *Minha obra é um cordel* (2011).

Transcreveremos abaixo o cordel integralmente:

- | | |
|---------------------------------|-------------------------------|
| 1. No mês passado eu fiquei | 19. Eu tremia tanto que |
| 2. Branco, amarelo e vermelho. | 20. Não conseguia afastar |
| 3. Tremi tanto que trinquei | 21. O meu rosto do espelho |
| 4. A bolacha do joelho | 22. E nem tão pouco tirar |
| 5. Quando encostei meu rosto | 23. A metade do meu pé |
| 6. No rosto do meu espelho. | 24. Do pé daquele lugar. |
| 7. Cada ruga do meu rosto | 25. O mais incrível de tudo |
| 8. Era uma rua comprida | 26. É que meu rosto tremia |
| 9. E cada um dos buracos | 27. Em resposta pelo que |
| 10. Que tinha na avenida | 28. A minha alma sentia, |
| 11. Simbolizava um pecado | 29. Mas só no meu natural |
| 12. Que eu tinha feito na vida. | 30. No espelho ele sorria. |
| 13. Eu que pensava que tinha | 31. Eu já nem imaginava |
| 14. A minha alma maneira | 32. O que ia acontecer |
| 15. Mergulhei de corpo e alma | 33. Quando meu rosto no vidro |
| 16. Nas algas da tremedeira | 34. Deixou de rir pra dizer: |
| 17. Olhando para a imensa | 35. - Você pode ser melhor, |
| 18. Extensão da buraqueira. | 36. Só basta você querer. |

- | | |
|-----------------------------------|-------------------------------|
| 37. Fiz das tripas corações | 61. Se você quiser consertar |
| 38. E perguntei de repente: | 62. O mundo que você vê |
| 39. - Meu rosto, me diga como | 63. Cambaleando perdido |
| 40. Eu posso ser diferente, | 64. Na lama desse porque, |
| 41. Me diga que eu lhe prometo | 65. Comece ajeitando ele |
| 42. Ser melhor daqui pra frente! | 66. Começando por você. |
|
 |
 |
| 43. E novamente a minha imagem | 67. Eu só fazia tremer, |
| 44. Deixou de rir, pra dizer: | 68. Escutar e concordar |
| 45. - Nunca deixe o rato torto | 69. E meu rosto no espelho |
| 46. Da inveja lhe roer | 70. Explicando sem parar |
| 47. Nem quebre a ponta do dente | 71. Explicando, explicando |
| 48. Da boca que lhe morder. | 72. Até parar de falar. |
|
 |
 |
| 49. Não gaste a sua coragem | 73. Às vezes eu fico pensando |
| 50. Nem a sua força em vão | 74. Que tudo foi armação |
| 51. E nem tire da cabeça | 75. Da minha boa vontade |
| 52. Esta sublime lição, | 76. Ou da minha gratidão |
| 53. Força tem quem se abaixa | 77. Atrás de tirar mais doce |
| 54. Para levantar seu irmão. | 78. Do tacho do coração. |
|
 |
 |
| 55. Esconda sua verdade | 79. Se foi armação ou não, |
| 56. E o seu pincel de vândalo, | 80. Se foi distorção de som, |
| 57. A vontade de dizer | 81. Se foi a minha vontade |
| 58. Por trás da casca de sândalo, | 82. Se foi meu talento ou dom |
| 59. Pois onde impera a mentira | 83. O que foi deixa ficar. |
| 60. A verdade é um escândalo. | 84. Eu vou tentar me ajeitar |
| | 85. Não custa nada ser bom. |

A poesia do poeta se desenha pelo caráter da crítica social e através dos seus cordéis nos faz refletir sobre as atitudes do homem no mundo contemporâneo. No caso do cordel “Não custa nada ser bom”, o cunho social de sua poesia se entremeia com o sobrenatural,

trazido por meio das perturbações mentais do ser humano através da representação do *duplo*. Diante dessas características, o presente cordel insere-se no ciclo temático do Profano, se considerarmos a divisão feita por Sobrinho (2003).

O cordel é composto por quatorze estrofes estruturados em sextilhas, sendo a última estrofe contendo sete linhas, sendo cada verso dividido em sete sílabas poéticas. O cordel narra a história de um personagem perturbado psicologicamente. Ao se olhar no espelho, ele mantém um diálogo com sua imagem refletida nesse objeto. Ao se comunicar com o *outro*, ele não sabe se é fruto de sua imaginação ou um dom que ele possui.

Assim como as narrativas fantásticas, o cordel “Não custa nada ser bom”, é em primeira pessoa, tendo como objetivo passar para o leitor a veracidade dos fatos. Além de contar a história ele é protagonista, como podemos perceber na primeira sextilha. O narrador prende o leitor à narrativa, a partir da enunciação de seu medo:

No mês passado eu fiquei
Branco, amarelo e vermelho.
Tremi tanto que trinquiei
A bolacha do joelho
Quando encostei meu rosto
No rosto do meu espelho.

As cores indicam que o personagem passou por uma situação de medo e mudou a tonalidade do corpo para “branco, amarelo e vermelho” e, logo, o corpo estremece ao ser refletido no espelho. Também na primeira estrofe notamos alguns índices inexplicáveis, ajudando o leitor a identificar a narrativa como sendo permeada pelo sobrenatural, como, por exemplo, nos versos 5, 6. Isso é confirmado na quarta sextilha, nas linhas 23 e 24: “A metade do meu pé/ Do pé daquele lugar”. O encontro de dois espaços, o do narrador e do *ou-*

tro parece que se tocam, como se as duas realidades ou realidade e imaginação se intercambiassem por meio do espelho.

Percebemos que além da imagem projetada no espelho, existe um contato físico entre o *Eu* e seu reflexo. O espelho começa a tomar características sobrenaturais, pois o narrador não encosta seu rosto na imagem do espelho, mas sim no rosto do espelho, causando assim, um aspecto de personificação do objeto. O personagem é submetido a uma espécie de campo magnético envolvido por uma força sobrenatural que o prende ao seu *duplo*.

Durante a leitura do folheto, a personificação do *duplo* vai se intensificando, assim como no romance de Dorian Gray, ao longo da narrativa, o *outro* ganha movimentos e vozes próprias. Observando o início do cordel, percebemos, à primeira vista, que o rosto do espelho não tinha ações. Porém, na quinta estrofe, o reflexo mantém um diálogo com o personagem, como vemos nos versos 29 e 30: “Mas só no meu natural/No espelho ele sorria”. A oposição mostrada pelos pronomes pessoais “meu” e “seu” elucida a ideia da existência de dois “eus” com ações distintas entre eles.

No decorrer da leitura, versos 33-36, o personagem é envolvido por uma confusão mental: “Quando meu rosto no vidro/Deixou de rir pra dizer:/- Você pode ser melhor,/ Só basta você querer”. Mas, talvez o narrador por não acreditar no que estava acontecendo, usa agora o pronome “meu”. Se antes o rosto que estava rindo era do *outro*, agora volta novamente a ser dele. Apesar da referência a “minha imagem”, no verso 43, ela não corresponde às ações *Eu*, enquanto ele treme a imagem sorrir.

Nas estrofes seguintes, o personagem parece mais convencido que aquela situação, vivida inicialmente, pode está acontecendo realmente, mesmo hesitante, inicia um diálogo com o *duplo*: “E perguntei de repente:/- Meu rosto, me diga como/Eu posso ser diferente,”. Em resposta o *duplo* neutraliza o *Eu* e assume o domínio sobre o diálogo que se inicia no verso 45 e termina no verso 66.

Nessas passagens, o *duplo*, parece está ciente das atitudes cotidianas do narrador, como a inveja e a mentira. Assim, ele atua como um conselheiro, instaurando uma série de conselhos que iniciam no verso 45, quando diz “Nunca deixe o rato torto/Da inveja lhe roer”. Aqui, a voz do *outro* parece estabelecer internamente uma alta reflexão do próprio sujeito, fazendo com que este tome atitudes diferentes e, com isso, torne o mundo melhor, a partir de suas ações, como podemos ver nos versos 65 ao 66: “Comece ajeitando ele/Começando por você”. Depois de vários conselhos do *duplo*, o personagem torna a realidade, mas o *outro* ainda continua “explicando, explicando/Até parar de falar”.

Percebemos que durante todo o cordel, a leitura é mantida sob a hesitação, aspecto reforçado nas duas últimas estrofes do folheto pelo próprio narrador, quando ele afirma nos versos 86 ao 91:

Às vezes eu fico pensando
Que tudo foi armação
Da minha boa vontade
Ou da minha gratidão
Atrás de tirar mais doce
Do tacho do coração.

Nessa sextilha, percebemos que o narrador- personagem deixa a dúvida para o leitor, pois ele próprio não tem a certeza, já que não sabe se foi apenas seu desejo ou foi um dom. Mas, por dúvida, nos últimos três versos do poema, ele resolve seguir os conselhos do *duplo*: “O que foi deixa ficar/Eu vou tentar me ajeitar/Não custa nada ser bom”. Embora o personagem fique na hesitação entre o real e o imaginário, ele acredita nos conselhos do *outro*, pois como ele próprio afirma no título, “Não Custa nada ser bom”. Neste sentido, os elementos sobrenaturais se constroem sob a hesitação do narrador e do leitor.

Conclusão

Como vimos, o gênero fantástico apresenta elementos sobrenaturais, provocando no leitor uma hesitação, como afirma Todorov (1969). Em suas narrativas, este gênero apresenta temas que envolvem aspectos do cotidiano e do ser humano. Ele está presente em muitos gêneros, tanto nos narrativos como na poesia, abrangendo tanto o universo popular como o erudito.

Classificado em ciclos temáticos, o cordel é um gênero que pode compreender em sua estrutura elementos do sobrenatural, como o maravilhoso, o estranho e o fantástico, principalmente por essas histórias serem de inspiração popular, geralmente apresentam mistérios, fantasmas, demônios, entre outros aspectos.

No cordel “Não custa nada ser bom”, percebemos que esses elementos são evidenciados a partir de um diálogo estabelecido entre o *Eu* e o seu *duplo*, que se relaciona com as perturbações mentais que segundo Rodrigues (1988) estão ligados às inquietações do mundo contemporâneo.

Nas histórias fantásticas, o *duplo* se apresenta de várias maneiras, no cordel analisado, percebemos que esse elemento é apresentado por meio de um objeto – o espelho, sendo este a chave para o conflito mental do personagem, pois como afirma Ceserani (2006, p.83), “o tema, nos textos fantásticos se torna mais complexo e se enriquece, por meio de uma profunda aplicação dos motivos do retrato, do espelho, das muitas refrações da figura humana, da duplicação que cada indivíduo joga para trás de si, na sua sombra”. Ademais, como sabemos, ao nos olharmos em um espelho, se este for plano, veremos nossa imagem com a mesma forma e tamanho, no entanto, essa imagem se torna oposta ao real.

Referências

- ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Campinas/ SP: Mercado de Letras: Associação de leitura do Brasil, 1999.
- ALVES SOBRINHO, José. *Cantadores, Repentistas e Poetas Populares*. Campina Grande: Bagagem, 2003.
- BORGES, José Francisco. *A moça que dançou depois de morta*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=9FA0Yupp_9A>. Acesso em: maio de 2011.
- CESERANI, Remo. *O fantástico*. Trad. Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.
- FREUD, Sigmund. “O Inquietante [Das Unheimliche]”. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 14. p. 329-376.
- FURTADO, Filipe. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Horizonte, 1980.
- MELO, Antônio Francisco Teixeira. “Não custa nada ser bom”. In: _____. *O olho torto do rei*. 1ª ed. Fortaleza: IMEPH, 2011. p. 109.
- MELO, José Camelo de. *O romance do pavão misterioso*. Bezerros- PE: Cordelaria J. Borges. S/d.
- PINHEIRO, Hélder & MARINHO, Ana Cristina. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.
- RODRIGUES, Selma. *O fantástico*. São Paulo: Ed. Ática, 1988. (Série Princípios, 132).
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975. (Debates, 98).